

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças
Contemporâneas*

Vol. I Línguas e Literaturas. Grécia e Roma

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,
Paula Barata Dias (coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

O ANFITEATRO DE CÉSAR A ÚNICA OBRA QUE A FAMA HÁ-DE CELEBRAR

JOANA MESTRE COSTA
Universidade de Aveiro
Bolseira de Doutoramento da FCT
joanamestrecoستا@ua.pt

Abstract

Accepting the invitation sketched through Martial's *Liber de Spectaculis*, this work aims to clarify the importance of the Colosseum's edification for the *Vrbs Aeterna*.

Keywords: Epigram, Flavian Amphitheatre, urban space, games, Martial, *Liber de Spectaculis*.

Palavras-chave: Anfiteatro Flaviano, epigrama, espaço urbano, jogos, *Liber de Spectaculis*, Marcial.

*“Quamdiu stabit coliseus, stabit et Roma; quando cadet coliseus, cadet et Roma;
quando cadet Roma, cadet et mundus.”*

Beda, o Venerável

Ao cair por terra, o Colosso de Roma cedeu, com o seu nome, o simbolismo a uma bem mais colossal construção e o Anfiteatro dos Flávios foi rebaptizado como Coliseu¹. E, ainda que exposto às vicissitudes da sucessão de vinte séculos, “happily about one third of the building has survived”²!

Conquanto não seja razoável que, da queda do Coliseu, pudesse resultar uma profunda alteração no curso do mundo, é incontornável que as relações de mutualismo mantidas entre Roma e o Coliseu muito contribuíram para assegurar àquela o estatuto de *Vrbs Aeterna*.

“Atitude inteligente, Flavianos!”³

Apetece-nos fazer coro com Lindsey Davis, embora não sejam estas palavras se não um eco das de Marco Valério Marcial!

Ao bilbilitano, que, em epigrama, retratou todo o quotidiano do *caput mundi* do século I⁴, não podia falhar o registo de um dos seus momentos mais marcantes: a sagração da edificação do colossal Anfiteatro Flaviano em grandes

¹ Rivalizando com o Colosso de Rodes, Nero mandou erguer em Roma a sua própria estátua colossal que viria a abdicar do seu posto em favor do Coliseu. Cf. B. Levick 1999: 128.

² B. Levick 1999: 205.

³ L. Davis 2004: 374.

⁴ Cf. Marcial 2000: 11.

jogos inaugurais! Tão significativo para ele próprio que veio a ser, no mesmo ano 80, o marco do dealbar da sua obra literária com a publicação do *Liber de Spectaculis*⁵!

Foram, pois, estes dois aspectos — o projecto de construção do Anfiteatro e a escolha do local em que veio a erguer-se, por um lado, e, por outro, a novidade e a diversidade que a nova arena trouxe ao mundo do *panis et circenses* logo com os seus jogos inaugurais — que, por junto, ditaram o Coliseu como uma maravilha do seu tempo e justificaram o canto que Marcial lhe dedicou.

O Coliseu foi criado como um prodígio à escala de um império! E, se hoje ainda nos deslumbra, imaginemo-lo intacto, acabado de erguer⁶...

Poderíamos citar aqui a interessante descrição esboçada por Bomgardner⁷; no entanto, não seria feliz da nossa parte limitarmo-nos aos estudos, quando temos em Marcial a obra-prima!

O maior anfiteatro que o mundo Romano veria, com uma altura de quarenta e nove metros, impõe a sua fachada de múltiplas arcadas, no centro da Urbe, como uma imensa construção de tijolos e argamassa, coberta de pedra, ladeada pelo que fora a estátua colossal de Nero e que possui agora, sobre cem pés de altura, a face raiada do sol⁸:

*“Hic ubi sidereus propius uidet astra colossus
et crescunt media peggmata celsa uia” (Sp. 2.1-2)⁹*

Por fora colunas Jónicas, Dóricas e Coríntias embelezam o edifício mais do que o sustêm e inúmeros nichos albergam estátuas; por dentro dispõem-se, em quatro níveis, intermináveis filas de bancadas, onde cada um dos cinquenta mil espectadores chega através de setenta e seis arcos de entrada numerados que os conduzem por uma série de elaboradas galerias circulares e quarenta e cinco mil dos quais se senta, de acordo com uma rígida hierarquia: partilhava os andares superiores — *summum maenianum in ligneis* e *media cauea* — a massa de indiferenciados espectadores, seguidos de anónimos Cidadãos Romanos, abaixo, na *ima cauea*, os Cavaleiros, já embaixadores estrangeiros, sacerdotes de importantes cultos e Senadores Romanos (ou qualquer Rufo que por um deles se fizesse passar!¹⁰) sentavam-se no primeiro nível — *podium* — em lugares de honra — *subsellia* — à mesma altura que o Imperador.

Imediatamente oposto ao *tribunal editoris* que, a sul, albergava a Imperatriz,

⁵ Cf. B. Levick 1999: 77.

⁶ Porém, ao tempo da inauguração, o Coliseu não estava ainda concluído — tarefa que caberia a Domiciano (Cf. D. L. Bomgardner 2000: 30).

⁷ D. L. Bomgardner 2000: 5-23.

⁸ Ao substituir a cabeça odiosa do tirano pela do original Colosso (Cf. B. Levick 1999: 128), o novo César, simbólica e simultaneamente, desacredita a figura de Nero e acredita a colossalidade da sua obra.

⁹ O texto latino é, em todos os casos, o estabelecido por D.R. Schackleton Bailey 1990, a tradução portuguesa seguida a constante em Marcial 2000 que o toma como texto de referência.

¹⁰ Cf. *Ep.* 2.29.

as mulheres do Palácio, as Virgens Vestais e os Magistrados em cujo nome os jogos eram oficialmente dados, impunha-se, a norte, o *puluinar*, ocupado pelo Imperador e pela sua corte — eram os melhores lugares para ver e ser visto!

Frente ao camarote imperial estacavam, numa saudação ao César¹¹, homens adestrados e animais amestrados:

“Quod pius et supplex elephas te, Caesar, adorat” (Sp. 20.1)¹²

com os olhos postos nele estacava, perscrutando aos mãos imperiais, a multidão dos espectadores:

*“Cum peteret pars haec Myrinum, pars illa Triumphum,
promisit pariter Caesar utraque manu.”* (Sp. 23.1-2)

Das bancadas, e olhando ao redor, sobressaía a entrada oeste, usada pelos gladiadores que entravam em cortejo na arena para dar início ao espectáculo; lançando os olhos ao alto, avistava-se o esboço do que seria o último nível do Anfiteatro, coroado por mastros que haveriam de sustentar o *uelarium*, passível de se recolher por um sofisticado sistema de roldanas; voltando o olhar para baixo, alcançava-se uma elipse de 76,90 por 46,18 metros, a arena, designação metonímica para nos referirmos à zona coberta de areia onde se desenrolavam os combates, findos os quais, a superfície tinta era alisada, enquanto absorvia o sangue:

“Praeceptis sanguinea dum se rotat ursus harena” (Sp. 13.1)

Sob a arena, dois níveis de passagens e galerias subterrâneas, cobertas por madeira, conduziam aos albergues dos lutadores, aos cárceres dos prisioneiros e às jaulas dos animais, muitas vezes, conduzidos até à arena com recursos de soberba maquinaria. Assim, a somar aos mais vulgares expedientes do engenho, como as *pilae*¹³ ou o *uiscum*¹⁴, erguia-se no coração de Roma “*pegmata celsa*”, como refere o citado segundo epigrama do *Liber de Spectaculis*, fazendo cobrir e descobrir os céus do Anfiteatro, fazendo chegar os animais à arena:

*“Orphea quod subito tellus emisit hiatu
ursam inuasuram, uenit ab Eurydice.”* (Sp. 25)

ou erguendo-os aos céus:

¹¹ Com efeito, “al empezar el espectáculo los gladiadores desfilaban [] y al llegar a la tribuna del emperador le dirigían el fatídico saludo: *Aue, Caesar, morituri te salutant*” (J. Guillen 1986: 356) e “os animais eram amestrados para que, tal como os gladiadores, saudassem e prestassem homenagem ao imperador.” (Marcial 2000: 31).

¹² Cf. Sp. 33.

¹³ Cf. Sp. 11 e 22.

¹⁴ Cf. Sp. 13.

*“Raptus abit media quod ad aethera taurus harena,
non fuit hoc artis, sed pietatis opus.” (Sp. 18)*

fazendo surgir o mar em plena Urbe:

*“ne te decipiat ratibus naualis Enyo
et par unda fretis: hic modo terra fuit.” (Sp. 27.3-4)*

No entanto, não podemos perder de vista que o Coliseu não foi, nem sequer em Roma, o primeiro dos anfiteatros¹⁵...

Contudo, a construção do Império Romano que sempre contou com alicerces de pedra, sobretudo dos que escorrassem edifícios que tivessem um grande impacto sobre o público, como sugere Giovannoni¹⁶, foi verdadeiramente impulsionada por esta obra, até porque nenhum anfiteatro anterior se lhe assemelhou e todos os posteriores, construídos em cidades importantes, o tiveram por cânone¹⁷.

Valeu aos Flavianos a visão do seu patriarca!

Procurando superar as mazelas infligidas ao Império pelas loucuras de Nero, pelo fatídico Ano dos Quatro Imperadores, pela crise económica, pela desorganização do exército, ao mesmo tempo que diligenciava no sentido de promover uma nova Família Imperial, Vespasiano, primeiro, seguiu o modelo de sucesso de Augusto¹⁸, depois, ousou superá-lo e, sobre os planos perdidos do primeiro César¹⁹, lançou-se na construção de um monumento triunfal²⁰ que lhe celebrasse o júbilo passado de *Imperator* e inaugurasse o futuro êxito de *Princeps*²¹ e ergueu com o Coliseu um símbolo e uma metáfora do poder imperial de Roma²².

¹⁵ Cf. K. Welch 2007: 128.

¹⁶ C. Bailey (ed.) 131923: 430.

¹⁷ Cf. K. Welch 2007: 128-162.

¹⁸ Cf. B. Levick 1999: 73.

¹⁹ “His <de Vespasiano> greatest building, the Colosseum, had originally been planned by Augustus” in B. Levick 1999: 73.

²⁰ Cf. B. Campbell 2002: 139.

²¹ “The early history and development of the amphitheatre have been closely linked [] with the distinctively Roman military virtues []. It is, therefore, significant that the first of the soldier-emperors of the Roman empire should choose to commemorate his accession [] to erect a permanent, monumental stone amphitheatre in the heart of Rome.” in D. L. Bomgardner 2000: 4.

²² Cf. D. L. Bomgardner 2000: 1.

Porém, o simbolismo desta obra deve tanto à sua magnificência quanto ao lugar que veio a ocupar na geografia da cidade: “Era o local mais bem situado de Roma, mesmo no final da Via Sacra, na principal via de acesso ao Fórum.”²³

Ao encontro das palavras de Lindsey Davis, as de Barbara Levick²⁴, Lea Strirling²⁵, Bomgardner²⁶...

E todas ao encontro das de Marcial!

Foi o filho adoptivo da Urbe o único capaz de verter em palavras, pelo famoso segundo epigrama do *Liber de Spectaculis*, o sentimento da cidade restituída a si mesma e das delícias distribuídas pelo povo!

De facto, a decisão de edificar sobre o espaço outrora ocupado pelo lago da *Domus Aurea* o seu Anfiteatro assegurou que Vespasiano, de um só golpe, para além de embelezar a cidade com um edifício público que a ambos dignificaria, fizesse retroceder pela base o impopular plano de ordenamento da Urbe concebido por Nero, pondo fim à apropriação de terrenos públicos para uso pessoal e devolvendo o coração da cidade ao Povo de Roma.

E se o lugar concedido ao Coliseu era, sobretudo, delicioso para os habitantes da Urbe, já os seus espectáculos faziam as delícias de todo o Orbe:

“*Quae tam seposita est, quae gens tam barbara, Caesar,
ex qua spectator non sit in urbe tua?*” (*Sp.* 3.1-2)²⁷

A *Vrbs Aeterna* sempre teve no jogo um alicerce — dos *ludi circenses* aos *ludi scaenici*, passando pela introdução dos *ludi gladiatorii* (*munera*, com mais propriedade) em 246 a.C., das *uenationes* em 186 a.C. e das *naumachiae* em 46 a.C..²⁸

Entre teatro, circo e, depois, anfiteatro, um Romano tinha múltiplas opções de entretenimento. Todavia, os gladiadores, prontos “to be burned by the fire, bound in chains, to be beaten, to die by the sword”²⁹ tornaram os seus jogos dos mais populares.

Tito, revelando a argúcia dos Flavianos, apoderou-se do gosto da turba e, surpreendendo-a, preparou para a abertura do Coliseu grandiosos jogos que se prolongaram por cem dias, entre Abril e Julho, de dia e de noite, com o abate de milhares de feras e a exibição de centenas de gladiadores, para gáudio de cinquenta mil espectadores diários das mais variadas proveniências por quem distribuiu *missilia*³⁰ e aspergiu açafrão.

²³ L. Davis 2004: 375.

²⁴ B. Levick 1999: 126-127.

²⁵ D. S. Potter (ed.) 2006: 80.

²⁶ D. L. Bomgardner 2000: 2-4.

²⁷ Cf. *Sp.* 27.

²⁸ D. S. Potter e D. J. Mattingly 2002: 206-207, 224-243.

²⁹ D. Kyle 2001: 87.

³⁰ Marcial 2000: 21.

Pela primeira vez, tudo foi possível e passível de se fazer representar e apresentar na arena:

*“Nec se miretur, Caesar, longaeua uetustas:
quidquid Fama canit, praestat harena tibi.”* (Sp. 6.3-4)

Marcial, como ninguém, dá-nos conta da pluralidade e novidade dos jogos e das suas cores variegadas, apresentando-nos em sucessão e ao ritmo do epigrama: as famosas e concorridas *pugnae* entre gladiadores, como em Sp. 31³¹, parecendo para esta arena terem sido escolhidos só os merecedores de pratos e presentes, da *missio* imperial e da palma da vitória, ou até da vara da dispensa; as actuações de *bestiarii* invencíveis e incansáveis, segundo Sp. 17³²; as lutas em que participavam ferozes mulheres gladiadoras, rivalizando com o próprio Hércules, ao darem luta até às mais temidas feras, como sucede em Sp. 8³³; os surpreendentes confrontos entre homens e animais em *uenationes* em que ora era caçado o caçador — Sp. 19 —, ora a presa que não tinha salvação era salva por desejo humano — Sp. 13 —, ora o desígnio divino, ou o acaso, da morte fazia vida e a Diana que sacrifica a javalina prenhe é a Lucina que lhe assiste o parto — Sp. 16³⁴; os brutais recontros com animais exóticos, conforme Sp. 22³⁵; as acérrimas e históricas naumaquias, como em Sp. 27, contrastando com os graciosos *ballets* aquáticos capazes de surpreender a própria Tétis, segundo Sp. 30; os brilhantes jogos nocturnos com o inolvidável hidromimo de Leandro, referido em Sp. 28³⁶; e ainda a apresentação pública de punições exemplares, desde a simples exibição na arena dos delatores, tão odiados do Imperador, relatada em Sp. 4, até aos rebuscados destinos a dar aos condenados *ad bestias* que pereciam, encarnando, na representação de *fabulae*, personagens mitológicas como Pasífae — Sp. 6 —, Dédalo — Sp. 10 —, Orfeu — Sp. 24³⁷ —, ou em alternativa, reproduzindo mimos sobre realidades convertidas em lenda, como a punição de Lauréolo, descrita em Sp. 9.

Enfim, engenho e arte parecem nunca ter concorrido na criação de esplendor semelhante, por isso o bilbilitano repetidamente adverte o passado de que o futuro só recordará o presente desta arena: o Anfiteatro sempre falará por si próprio, pelos jogos inaugurais as palavras do poeta!

À imponência do edifício e à opulência do espectáculo acrescia a multidão entusiasta dos espectadores, como escreve Mário de Carvalho inspirado pelo bilbilitano:

³¹ Cf. Sp. 23.

³² Cf. Sp. 32.

³³ Cf. Sp. 7.

³⁴ Cf. Sp. 14 e 15.

³⁵ Cf. Sp. 11, 20, 21, 26 e 30.

³⁶ Cf. Sp. 29.

³⁷ Cf. Sp. 25.

“Hiante, a populaça acompanhava em coro: «Derruba!», «fere!».”³⁸

Da multidão dependia em muito a festa, como depende nos nossos estádios de futebol; contudo um movimento da turba poder significar a morte ou a vida dos contendores, como sucede em *Sp.* 23, constitui uma abismal diferença!

Sendo a principal responsável pela decisão imperial entre a *missio* e o *munus sine missione*, a multidão exigente de *panis et circenses* por quem principiavam os jogos também tinha a palavra no seu desfecho. E, como nos lembra Cristina Pimentel: “Marcial está entre os espectadores e é dos mais atentos e deslumbrados”³⁹.

Nós arriscamos mesmo que, das bancadas do Anfiteatro, Marcial nos convida a tomar parte! Só cerrando os nossos olhos temos como não ver pelos seus, pois, a cada epigrama, nos instiga “*credite [] uidimus*”⁴⁰!

Por isso, se, renitentes em acreditar nas suas palavras inaugurais, iniciámos a leitura do *Liber de Spectaculis*, ao finalizá-la, incertezas não nos devem mais restar: estamos perante a mais maravilhosa maravilha da Antiga Roma e do mundo contemporâneo que a teve por herança!

Aos que ainda assim duvidarem, resta-nos apelar aos milhões que, após uma votação ocorrida em simultâneo em todo o planeta, elegeram, no ano transacto, as sete novas maravilhas do mundo⁴¹...

É que, entre elas, contava-se o Coliseu, a quem a Fama concedeu que silenciasse as sete maravilhas do mundo antigo, cumprindo-se assim as proféticas palavras de Marcial:

*“Barbara pyramidum sileat miracula Memphis,
Assyrius iactet nec Babylona labor;
nec Triuiaie templo molles laudentur Iones,
dissimulet Delon cornibus ara frequens;
aere nec uacuo pendentia Mausolea
laudibus immodicis Cares in astra ferant.
Omnis Caesareo cedit labor Amphitheatro,
unum pro cunctis Fama loquetur opus.” (Sp. 1)*

Bibliografia

C. Bailey (ed.) (¹³1923), *The Legacy of Rome*. Oxford, Clarendon Press.
P. Basso, (ed. exec.) (²2007.), *As grandes Maravilhas do Mundo*. Funchal, Euro Best.

³⁸ M. de Carvalho 2003: 179.

³⁹ Marcial 2000: 10-11.

⁴⁰ Cf. *Sp.* 6

⁴¹ P. Basso (ed. exec.) 2007: 27.

- Beda (1975) *Bedae Venerabilis Opera – Pars I Opera Didascalica*. Vol. 1. Turnholt, Typographi Brepols Editors Pontificii.
- D. L. Bomgardner (2000), *The Story of the Roman Amphitheatre*. London/New York, Routledge.
- B. Campbell (2002), *War and Society in Imperial Rome 31 BC–AD 284*. London/New York, Routledge.
- M. Carvalho (⁸2003), *Um Deus Passeando Pela Brisa da Tarde*. Lisboa, Caminho.
- L. Davis (2004), *O Ouro de Poseidon*. Lisboa, Gótica.
- J. Guillen (³1986), *Vrbs Roma: Vida y Costumbres de los Romanos*. Vol 2. La Vida Pública. Salamanca, Ediciones Sígueme.
- D. Kyle (2001), *Spectacles of Death in Ancient Rome*. London/New York, Routledge.
- B. Levick (1999), *Vespasian*. London/New York, Routledge.
- Marcial (2000), *Epigramas*. Vol. I. Tradução, Introdução e Notas de C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. Brandão e P. S. Ferreira. Lisboa, Edições 70.
- Martial (1990), *M. Valerii Martialis Epigrammata*. Established by D.R. Shackleton Bailey. Stuttgart, Teubner.
- D. S. Potter (ed.) (2006), *A Companion to the Roman Empire*. Malden, Blackwell Publishing.
- D. S. Potter, D. J. Mattingly (⁴2002), *Life, Death and Entertainment in the Roman Empire*. Michigan, The University of Michigan Press.
- K. Welch (2007), *The Roman Amphitheatre From Its Origins to the Colosseum*. Cambridge, C. U. P.